



ROUTE SCARES



Não foi preciso sequer ler antecipadamente o texto. Quando a cravista Jenny Silvestre ligou a Ricardo Neves-Neves para o convidar a transformar numa ópera de hoje *Cortes de Júpiter*, uma tragicomédia de Gil Vicente com 500 anos a pesar-lhe sobre as palavras, bastou referir personagens como vento, mar, sol e lua para o encenador “entrar a pés juntos” – expressão do próprio. E isto porque se há coisa que cai na fraqueza de Neves-Neves é qualquer alcapão que lhe permita perder rapidamente o contacto com a mais cinzenta e enfasiante realidade. Todo o escape fantasista é, por isso, bem-vindo.

O vento, o mar, o sol e a lua são, pois, chamados para abençoar e ajudar na viagem que há-de levar a Infanta D. Beatriz, por mar, até ao casamento com o duque de Sabóia – a peça original terá sido apresentada em Agosto de 1521, na corte de D. Manuel I, antes da partida. Só que, através de várias leituras paralelas, Neves-Neves e o seu parceiro criativo, o músico e compositor Filipe Raposo, perceberam que “a viagem, na verdade, não aconteceu com grande sucesso” porque as cortes “não levaram a covid mas levaram a peste negra no barco”. A empresa não foi, assim, tão harmoniosa quanto os escritos podem fazer crer; mas ao encenador interessava sobretudo a ideia de que, sem a intervenção e a complicitade dos elementos naturais, convocados para varrer males e ameaças do caminho, talvez a viagem não tivesse sido devidamente concluída e o casamento teria deslizado pelo cano abaixo.

E é por isso que, em vez de entrar de chofre no texto vicentino, estas *Cortes de Júpiter* começam antes por citar excertos da *História Trágico-Marítima* de Bernardo Gomes de Brito e da *Romagem dos Agravados* também de Gil Vicente. Para reforçar a ideia de que só com a complacência dos elementos rogada pela Providência é que a infanta pôde chegar ao seu destino. “Grande folia de vultos negros / que não podiam ser senão diabos. / Meteu tanto mar, que cada balanço / Grandes pancadas na água o barco / Fora-se o leme, despedaçado”, canta o coro logo a abrir. E lembrando os ventos furiosos que acordavam os homens “atordoados” e os “tombavam à popa”, por entre “vozes de lástima, hórridas, loucas, descontraídas numa gritaria”, o humor de Neves-Neves diz-nos que, agora sim, lembrados os maus presságios, pode dar-se início à viagem.

Esta foi uma forma de aproximação e relação possível com o texto num espectáculo que, reconhece o encenador, “partiu de uma zona de descoberta do que é Gil Vicente e o teatro de época”. “Aquilo que sabia era o que todos os alunos de teatro ou do ensino secundário sabem – é sempre um encontro de superfície em que estamos um mês e meio a estudar os textos de Gil Vicente e que são sempre os mesmos.” Por isso, à laia de preparação, dedicou um Verão a ler tragédias e comédias do autor renascentista, encontrando-lhe “um lado lírico que não conhecia” de maneira tão aprofundada.

Foi o plano traçado para ganhar “um mínimo de confiança” que lhe permitisse avançar com a abordagem a um texto com 500 anos. “Trabalho sempre textos meus ou contemporâneos”, reflecte Neves-Neves, “e precisava de fazer algum recuo de linguagem para perceber como é que este lado lírico existe no texto e como se estabelece a comunicação – e depois em que zona é que podíamos utilizar a música e encaixar neste compromisso com o Laboratório de Ópera Portuguesa.” E isto porque *Cortes de Júpiter* é a primeira obra a resultar do projecto criado por Jenny Silvestre para o CCB – que envolve ainda o Colóquio Internacional Gil Vicente: 500 Anos, fórum de discussão e de estudos vicentinos que a instituição acolhe esta sexta-feira –, com o qual se propõe recuperar para o grande público “a produção dramática musical que encheu os palácios, casas senhoriais e teatros” do país ao longo de séculos. A abrir, portanto, o desafio para que Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo abordassem ao estilo da ópera cómica francesa uma peça de Gil Vicente – cujos textos tinham quase sempre referências musicais –, com data de nascimento anterior à da própria ópera enquanto género. A descobrir dias 5 e 6 de Fevereiro, no CCB, Lisboa, e 28 e 29 de Outubro, no Cineteatro Louletano, Loulé.

Museu fechado

A partir da tragicomédia de Gil Vicente, Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo arregaçaram as mangas e foram levantando as referências de época que, por um lado, lhes garantiam alguns alicerces na construção de *Cortes de Júpiter* enquanto ópera, e por outro lhes permitiam mapear o espaço disponível para invadirem com a linguagem que têm construído em conjunto nos últimos anos – em *Banda Sonora* e *A Reconquista de Oli-*

venza, a raia a música para cinema fantástico. “Houve um primeiro trabalho de recolha de todas as melodias que poderiam estar na obra”, relata Filipe Raposo, “feita pela equipa da Jenny.” Em seguida, o compositor debruçou-se sobre a análise dessas partituras, extraindo daí o propósito de “coser uma linha condutora, do princípio ao fim”, que pudesse unir as referências originais de música antiga, com a sua vontade de as transportar para o século XXI. “O mecenismo passou por pegar na música modal e transformá-la em modal cromática, que traz alguma contemporaneidade àquilo que escutamos. É um diálogo em que ora estou com um pé mais próximo da linguagem quinhentista, ora estou com um pé na minha linguagem.”

Essa abordagem estende-se também ao recurso sistemático de vídeos carregados de humor, caros a um certo surrealismo e absurdo que Neves-Neves sempre reivindica para a sua prática, janela aberta para a ampla corte que acompanha a infanta (a quem o texto de Gil Vicente se dirigiria) dar por si a viajar por meios peculiares – cônegos e juízes seguem montados em peixes-voadores, as donzelas solteiras são levadas por lulas, por exemplo. “Queremos dizer que esta obra existe”, justifica o encenador, “mas não queremos transformá-la numa peça de museu. Estamos a olhar para uma obra que chegou até hoje e que manipulamos, aqui e ali, e transformamos.”

Dessa distância decorre tanto o encanto inesperado que Neves-Neves encontrou na métrica, na rima e na estrutura de verso, quanto os cortes cirúrgicos num presumível humor cuja graça caiu de velha e inaceitável. “Ai fui alarve no corte”, assume. “Os cortes maiores aconteceram num longo elogio à pátria – que existe na mesma, mas mais curto – e na comparação entre as donzelas bonitas, alvas, bem vestidas, loiras, ricas e limpas, que contrastam com as criadas de cabelo rapado, negras, mouras.” A comparação foi reduzida a um único caso, “para não fingir que aquilo não existia”, mas tudo o resto foi lançado borda fora.

Porque era também a forma de poderem viver durante um par de meses neste universo. Uma leitura pode ser uma visita de fim-de-semana, diz Neves-Neves, mas neste caso criadores e criação teriam de coabitar por um período mais dilatado. E isso só se faz encontrando uma forma de esta casa servir a todos.

Gonçalo Frota

Cortes de Júpiter recupera a viagem da Infanta D. Beatriz a caminho de Sabóia, enquanto ópera que não quer ser objecto de museu. A 5 e 6 de Fevereiro, o CCB mostra Gil Vicente segundo Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo. Em Outubro aportará em Loulé.

Gil Vicente na barca do humor até ao presente